

A ESTRATÉGIA NUCLEAR DOS ESTADOS UNIDOS

Transcrito da "Revista Militar, n. 7, Julho de 1964, Portugal.
(Traduzido da "Revue de Defense Nationale" — Junho de 1964)

Desde 1945, limiar da era nuclear, que o aparecimento de gerações sucessivas de novas armas, sempre mais temíveis, tem suscitado uma evolução no pensamento militar. As concepções estratégicas são modeladas sobre situações cambiantes das forças respectivas de cada um dos dois adversários: Estados Unidos e URSS. Várias fases principais assim aparecem: o primeiro período é assinalado pelo monopólio americano da arma atômica. No decorrer do segundo período, os soviéticos conseguiram, progressivamente, constituir a sua própria força de dissuasão, cobrindo assim uma parte da distância que os separava dos seus adversários. Um novo elemento de instabilidade perturbou o sistema das forças estratégicas, logo que, em 1957, os soviéticos lançaram os seus primeiros mísseis intercontinentais e o seu primeiro satélite espacial, o "Spoutnik"; foi um período que os americanos designaram pela fórmula de "missile gap". E, enfim, desde 1960, os Estados Unidos têm empreendido um esforço considerável para consolidar e aumentar a sua vantagem; eles calculam que tenham atingido o seu objetivo e que o desequilíbrio, na hora atual, joga, nitidamente, a seu favor.

I — A MANOBRA ESTRATÉGICA

a) Conceção geral

A política de defesa do governo americano é fundada sobre a hipótese permanente, válida em cada uma das fases estratégicas, da superioridade das forças nucleares americanas. No que respeita a esta hipótese, o esforço dos Estados Unidos em matérias de armamento é, pois, função do esforço dos soviéticos. Deverá sempre permitir a manutenção de uma margem de segurança suficiente, tendo em conta os erros devidos à imprecisão das informações. Seja qual for a forma inicial do desencadeamento das hostilidades, esta margem é destinada a permitir aos EUA meios de comando e reservas estratégicas, que lhes permitam, no caso citado, ganhar, finalmente, a guerra.

Segundo Mac Namara, as forças estratégicas americanas são destinadas a dominar a dos soviéticos, sobre toda a superfície do globo. "A sua zona de ação é mundial".

Todavia, o mundo divide-se em zonas geográficas naturais, cuja compartimentação permitiria a limitação de certos conflitos, a uma ou a algumas dentre elas, sem extensão obrigatória às outras. As forças estratégicas não interviriam diretamente em tais conflitos, mas pesariam sobre o seu desenvolvimento, "só pela ameaça da sua utilização".

Os americanos batizam os compartimentos assim definidos com o nome, "Teatros de guerra limitados". A zona europeia da OTAN é um deles; a África, o Sudeste Asiático, certas zonas marítimas ou espaciais, são outros.

O jogo estratégico americano consiste em manobrar sobre estes diferentes compartimentos, por pressões graduadas (dissuasão), ou pelo emprêgo (defesa) dos meios militares em cada um deles e o grosso das forças nucleares constituindo uma reserva maciça para utilizar em última instância.

Por motivo das enormes destruições que o emprêgo destas forças provocaria, os dois adversários têm interesse em evitar servir-se delas. Entretanto, a superioridade estratégica americana atingirá o seu pleno efeito se os russos pesarem que os americanos tomarão, em certos casos, a iniciativa da guerra termonuclear. Para que esta ameaça seja eficaz, deverá pois, antes de tudo, ser plausível no espírito dos russos. Não é necessário que o seu domínio de aplicação lhes seja revelado claramente. A ameaça, mantendo-se vaga, deixar-lhes-á, para resolver, um problema de investigação das verdadeiras intenções dos americanos: a incerteza da sua solução será a natureza a torná-los circunspectos.

Entretanto, uma ameaça insuficientemente definida tem o inconveniente de deixar a porta aberta a perigosos erros de apreciação. Foi o que aconteceu, segundo parece, ao lado soviético no Outono de 1962, em Cuba.

Em presença do dispositivo estratégico assim estabelecido, os soviéticos serão obrigados, para manter uma vantagem num teatro determinado, a transpor os limiares sucessivos de dissuasão e defesa, constituídos pelos meios militares locais ou para lá transportados.

Os obstáculos assim opostos serão mínimos ao princípio, mas a sua amplitude irá aumentando sem cessar e o mecanismo, uma vez pôsto em ação, exprimirá, para os soviéticos, uma ameaça cada vez mais grave. Se eles estiverem persuadidos da determinação americana, serão inclinados para ceder, antes que o conflito transborde dos limites do teatro em causa.

Esta estratégia americana abandona ao adversário a iniciativa de decidir quanto ao nível em que as operações militares devem ser sustadas, para evitar o pior. O mais fraco dispõe, assim, duma latitude de que o mais forte se desapossa. Se bem que possuindo a superioridade estratégica, os americanos não terão de escolher, depois de cada "escalão", senão entre operações militares compreendidas entre dois limites: estes deverão ser bastante fortes para ser tecnicamente válidos,

mas suficientemente moderados para não desencadear um ataque "pre-emptivo" ou um desfecho incontrolável. Além disso, as precauções deverão ser tomadas com a determinação das ações a escolher, para evitar modificações da natureza de "jogada", pondo em causa elementos novos, por exemplo certos interesses vitais.

Para as reservas acima indicadas, o mais forte guardará a iniciativa do conjunto. Sucederá sempre de forma a deixar aq mais fraco uma porta de saída e oferecendo-lhe, por um viés político, a possibilidade de escapar ao impacto militar.

Conservando, assim, o contato político com o adversário, o governo americano conta no decorrer duma crise, manter em constante relação a ameaça que pesa sobre o seu inimigo e as saídas que lhe permitem recuar. Ele evita de o forçar a uma ação desesperada. Os contatos mantidos para esse efeito são de diferentes espécies: podem ter lugar na ONU, em conferências de desarmamento e, diretamente, entre Chefes de Estado.

Na aplicação desta estratégia, os peritos americanos são levados a pesar, com uma precisão extrema, tôdas as conseqüências das decisões que eles propõem. Conservam, em cada momento, o maior número possível de opções e orientam, com precaução, o adversário para uma solução evitando todo o agravamento inútil, livre de aceitar um compromisso, para evitar os riscos.

b) Conduta da manobra

A condução medida e precisa de tais manobras estratégicas, exclui qualquer perturbação que se arrisque a afetar a segurança do seu controle. O emprego inoportuno das armas nucleares táticas sobre teatros de operações limitadas, assim como o uso, mesmo seletivo, de armas estratégicas, constituem fontes de perturbações que a Secretaria da Defesa procura eliminar. A sua política consiste em aumentar ou aperfeiçoar, tanto quanto possível, o controle centralizado das armas nucleares, assim como as estratégicas e táticas, quer estejam à disposição de unidades americanas ou confiadas a aliadas da NATO ou puramente nacionais.

Impede, também, na medida do possível, a instalação de novas armas. Sobre o teatro do SHAPE, tem assim conseguido adiar a implantação dum sistema MRBM (Mediu Range Balistic Missile) cuja necessidade técnica é dificilmente discutível, pois que se trata de contrabater, diretamente e por armas equivalentes, os MRBM soviéticos, já em ação. Da mesma forma, tem provocado o levantamento dos "Júpiter" e dos "Thor", cujas bases estavam na Inglaterra, na Itália e na Turquia, não somente porque estas armas não protegidas e apresentando longas demora de entrada em fogo, eram geradoras de efeitos "preemptivos", mas, sobretudo, porque a sua situação, em território estrangeiro, as submetia a hipotéticas políticas prejudiciais ao conjunto da manobra estratégica americana.

Estes breves traços mostram a que ponto a centralização da manobra estratégica é uma noção imperativa, aos olhos de Mac Namara. Esta manobra, qualquer que seja o nível do seu desenvolvimento, deve, em cada momento, manter-se sob o controle, direto e centralizado, da mais alta autoridade americana: o Presidente dos Estados Unidos.

c) Dispositivo de Comando

Para poder assegurar esta missão, o Presidente utilizará um dispositivo de "comando e de controle" centralizado, seguro e capaz de funcionar instantaneamente. Está já pronto. Os meios de transmissão e de comando, consideráveis, estão em operação permanente. Outros são mantidos em reservas e prestes a ser completados ou duplicados, em caso de alerta ou de guerra. O dispositivo compreende, em tempo normal, uma sala de operações político-militares, onde afluem as informações de todas as espécies, provenientes do mundo inteiro. Esta sala está em comunicação permanente (por televisão, rádio, telefone) com o Presidente que, assistido dos principais membros do "National Security Council", pode assim ouvir opiniões e tomar decisões.

Todos os acontecimentos políticos ou militares que se produzem através do mundo, são objeto de imediata observação e ponderação e são estudados e confrontados, em permanência pelos mesmos peritos que seriam consultados em momento de crise.

Em face da importância do empenhamento e dos efeitos instantâneos e terríveis das armas estratégicas, considera-se que os incidentes da guerra fria, por mínimos que pareçam, têm a sua importância. Eles são reveladores das intenções dos soviéticos que, também, trabalham numa forma centralizada. Os incidentes dos acessos terrestres e aéreos a Berlim, os acontecimentos do Laos, a situação no Vietnam, as variações dos dispositivos aéreos, marítimos ou militares, soviéticos, os índices de evolução ou de crises políticas, o desarmamento em Genebra, são seguidos por estes especialistas, com uma extrema atenção. Ultimamente, uma linha direta entre a Casa Branca e o Kremlin, foi acrescentada a este sistema de informação e de ação, completando, por esta ligação política, o dispositivo militar.

A estratégia nacional americana de "dissuasão escalonada" e de "defesa flexível", cuja complexidade está na medida dos estragos a esperar da guerra nuclear, tem a vantagem de respeitar a economia das forças. Ela necessita, em contrapartida, "uma grande mobilidade estratégica", para permitir intervenções rápidas e variadas, sobre os diferentes teatros. Isto explica a insistência posta pelos peritos e o governo americano, para o reforço da qualidade e o aperfeiçoamento da flexibilidade logística das forças convencionais. Na opinião de Mac Namara, se a superioridade nuclear for mantida, esta estratégia permitirá aos Estados Unidos conservar a iniciativa geral em todas as circunstâncias e dispor de um número suficiente de variantes. Tem o inconveniente, como já se observou, de deixar ao adversário a iniciativa de

interromper, antes que eles se tornem incontroláveis, os desenvolvimentos que possam conduzir à guerra nuclear e, em certos casos, permitir-lhe orientar o conflito para soluções políticas à sua escolha. Cada um dos adversários, tendo interesse em evitar um emprêgo catastrófico dos fogos nucleares e, tendo em conta que será o menos forte que sofrerá os efeitos mais desastrosos, em caso de contenda nuclear, esta estratégia é, entretanto, geradora de estabilidade, deixando a vantagem ao mais forte. Cada um toma precauções para eliminar os riscos de erro, de má interpretação e de espiralização técnica. O que dispõe da superioridade estratégica conserva sempre mais liberdade. Para que a sua estratégia tenha o seu pleno efeito é preciso não somente que o nível de escalada, seja capaz de conduzir uma batalha de dissuasão e de defesa, graças a meios convencionais aperfeiçoados, móveis e flexíveis, mas ainda que os seus fogos nucleares sejam muito manobráveis.

Na manobra dos fogos nucleares, cada um dos adversários procurará sempre encontrar zonas de aplicação dos seus fogos onde possa ter vantagem. É sobre esta última noção que repousa a estratégia da contra-fôrça.

II — A ESTRATÉGIA DA “CONTRAFÔRÇA”

A estratégia da contrafôrça diz respeito aos princípios estratégicos gerais que já foram expostos. É mundial e consiste, para os americanos, em conduzir, inicialmente, uma manobra, à base de dissuasão escalonada e de defesa flexível, sobre um ou mais teatros de conflitos limitados. Toma o seu caráter de contrafôrça, a partir do momento em que os fogos atômicos entram em jogo, pela ameaça que eles exercem ou pelas destruições que eles operam.

A estratégia de contrafôrça consiste em empregar as forças nucleares, em prioridade, contra os objetivos estratégicos, ao contrário da estratégia “contracitada” que consiste em os empregar, em prioridade, contra as cidades. Para os americanos, a estratégia da “contrafôrça” aplicar-se-ia, “normalmente”, sob a forma de uma “resposta” a um primeiro ataque soviético (contrafôrça de segundo choque). Entretanto, mantém-se a possibilidade de um ataque preventivo americano. As declarações dos membros do governo americano são cuidadosamente estudadas para deixar a dúvida no espírito dos soviéticos, sem contudo marcar uma atitude ofensiva, contrária à política geral dos Estados Unidos.

Esta dúvida tem a vantagem de dissuadir os soviéticos de criar situações perigosas, cuja determinação do nível crítico fica ao seu inteiro critério. Essa ameaça velada pode servir de apoio a uma política estrangeira ativa, comportando iniciativas, todavia limitadas por motivo do conhecimento insuficiente das intenções do adversário.

Sob estas reservas, a estratégia da contrafôrça consiste, essencialmente, em dissuadir os soviéticos de executar um ataque em grande escala, contra os Estados Unidos, convencendo-os de que a resposta lhes seria fatal. No caso em que a dissuasão falhe, diferentes opções

são mantidos em reserva, comportando, de princípio, a destruição progressiva ou total dos objetivos estratégicos e depois, ou simultaneamente, destruições afetando o sistema industrial e social do adversário, para o levar, finalmente, ao dilema da capitulação ou do aniquilamento.

Como o fez notar Mac Namara, não seria racional que o mais fraco (atualmente os soviéticos) tomasse a iniciativa de uma ofensiva conduzida por surpresa. Entretanto, no caso em que isso acontecesse, seria preciso, sem dúvida, esperar um ataque contra as cidades.

Todavia, os maiores riscos do desencadeamento de uma ofensiva nuclear, provêm de faltas de cálculo, de erros de apreciação ou de escaladas técnicas mal controladas que não podem, além disso, ter verdadeiramente efeito se a estrutura do sistema nuclear é, ela própria, instável. É neste caso que a estratégia da contraforça, se ela for um dia utilizada, terá mais probabilidade de se exercer. Ela tem, segundo os seus autores, o mérito de reunir um princípio tradicional da estratégia convencional: uma vez desencadeada a batalha procurar-se-á destruir as forças militares do adversário, antes de tentar atingir os objetivos políticos.

A estratégia da contraforça, mais ainda do que a das represálias, necessita de uma centralização total, de planos homogêneos e de uma execução coerente. É preciso poder pôr em ação sistema de armamentos diferentes (aviões, mísseis, ICMB (Internacional Continental Ballistic Missile), Polaris, etc., mais independentes, cujo emprêgo deve satisfazer não somente às condições estratégicas, mas também deve ter em conta, para a escolha dos objetivos, a situação tática da batalha. É muito difícil prever a duração desta (horas ou semanas), das suas fases (mudanças maciças ou espasmódicas) e dos seus efeitos (materiais ou psicológicos). Em permanência, o seu Chefe, o Presidente dos EUA, assistido dos seus conselheiros, deve manter-se no comando, seguindo, em cada minuto, a situação e transmitindo, com segurança, as suas ordens.

Estes imperativos explicam a atitude intransigente de Mac Namara, para quem as necessidades técnicas ultrapassam certas considerações políticas.

III — ESTRATÉGIA NUCLEAR ATUAL

Em presença da ameaça representada pela URSS, os americanos dispunham, na Primavera de 1963, de uma força estratégica compreendendo 650 bombardeiros, a 15 minutos de alerta no solo, mais de 200 mísseis "Atlas", "Titan" e "Minutemen", prontos a ser lançados, e cerca de 144 mísseis "Polaris" montados em submarinos. Esta força aumentava à cadência de dois "Minutemen" em cada três dias e de um submarino "Polaris" (16 mísseis todos os meses).

Na opinião de Mac Namara e dos peritos americanos, este dispositivo de "contraforça", oferece os meios de conduzir uma estratégia de resposta destinada — mesmo depois de ter sofrido um ataque de

surpresa — a destruir o conjunto dos objetivos estratégicos, permitindo ainda acumular reservas suficientes para ganhar, finalmente, a guerra.

Esta estratégia seria de caráter essencialmente técnico. Tratar-se-ia de conhecer bem os objetivos (armas ofensivas, sistemas de alerta, defesa, etc.) e de estar assegurada a destruição das armas defensivas, antes de empregar os meios vulneráveis (aviões, por exemplo) e de conservar as reservas suficientes para fazer face a qualquer situação imprevista. Os impactos psicológicos seriam relativamente reduzidos, por que as possibilidades de contra-resposta dos russos seriam, se as hipóteses são exatas, limitadas a ações mais ou menos esporádicas.

Os abrigos para as populações têm uma grande importância na estratégia de contraforça. Com efeito, as cidades não sendo, em princípio, escolhidas, no começo, como objetivos, as populações estão expostas sobretudo nos ataques contra os quais os abrigos representam uma defesa eficaz. Os Russos têm, segundo certos autores, feito um grande esforço na construção de abrigos; o Presidente e o Secretário da Defesa americanos têm, desde o último ano, iniciado uma política de construção de abrigos. Parece que os dois antagonistas atribuem um interesse crescente na realização de abrigos, mas uma pressa muito visível poderia ser interpretada, (pelo opositor, como um indício de intenções ofensivas. Um dos adversários que dispusesse de abrigos em quantidade muito mais considerável do que o outro, poderia, com efeito, subtrair à ameaça nuclear muitas populações "reféns" e tirar dêste fato certas vantagens para manobrar.

A estratégia da contraforça é considerada nos Estados Unidos, como válida até aos meados desta década. Pela sua superioridade estratégica, os americanos ameaçam, em permanência, as forças nucleares soviéticas. A sua contraforça, utilizada pela sua ameaça de primeiro choque, oferecer-lhes-ia o meio de conduzir uma política estrangeira, ativa e orientada para objetivos precisos. Entretanto, os peritos consideram que os soviéticos poderiam, em razão da própria vulnerabilidade das suas forças, ser tentados em as utilizar. Isto explica a moderação de que tem dado provas o governo americano, como o demonstrou na crise de Cuba.

IV — ASPECTOS MILITARES DA ESTRATÉGIA NUCLEAR PARA UM FUTURO PREVISÍVEL; NOÇÃO DAS FASES ESTRATÉGICAS

O programa americano atualmente previsto e cujo período de aplicação se estende, pelo menos, até 1968, compreenderá como estrutura estratégica de base: 850 "Minutemen", repartidos sobre cinco Estados da União e 656 "Polaris", montados sobre 41 submarinos. Será possível, se for necessário, aumentar a fabricação em série dos "Minutemen" e dos "Polaris" e têm sido tomadas disposições nesse sentido. Na opinião do Secretário da Defesa, êstes armamentos são suficientes para assegurar a superioridade da estratégia americana durante aquele período com a condição de serem completados por um reforço de meios convencionais, destinados a ser utilizados sobre teatros de guerra limitados.

Estes meios darão o seu máximo rendimento, graças a uma melhoria de mobilidade estratégica que permitirá manobrar mais eficazmente, de um teatro para outro, e uma melhor utilização das reservas, cuja logística e material serão aperfeiçoados.

As capacidades estratégicas defensivas serão aumentadas pelo melhoramento da luta anti-submarina, do contróle espacial e da defesa anti-míssil. Mas o mais fraco, aproveitando-se de vantagens passageiras, poderá provocar provas de forças nos domínios que lhe parecerem mais favoráveis ou menos perigosos: espaço, zonas marítimas, objetivos mi-contrafôrça.

Todavia, qualquer dos dois antagonistas não pode, neste prazo, prever, desde já, os planos estratégicos completos e detalhados, fornecendo as variantes correspondentes a um conjunto de situações plausíveis, relativamente fáceis de imaginar, como é o caso atual da estratégia de contrafôrça.

Assim, no domínio da defensiva, os peritos americanos consideram que os Estados Unidos têm a liberdade de fixar, desde agora até o fim desta década, diferentes projetos mais ou menos ambiciosos. Pode não se defender senão todo ou parte dos objetivos militares estratégicos.

É possível prever uma defesa um pouco mais ampla, que obrigará as forças atacantes a aceitar uma certa percentagem de perdas, se as cidades forem tomadas como objetivo. Mais ambiciosamente, pode prever-se uma defesa implicando muito grandes perdas para todos os engenhos inimigos que penetrem no território americano. Mais ambiciosamente ainda, pode admitir-se a instalação de uma defesa generalizada contra os aviões e os mísseis, tanto por armas antiaéreas e antimísseis como por proteção de armas estratégicas e construção de abrigos para as populações.

Também no domínio da ofensiva, é possível basear numerosas variantes, seja só sobre os mísseis, seja sobre uma combinação de aviões tático-estratégicos e de mísseis à qual se poderá juntar os IRBM ou os engenhos espaciais. Pode também aumentar-se a defesa, por um aumento da potência da resposta ofensiva.

São encaradas possibilidades variadas e cada uma delas oferece aos soviéticos problemas diferentes. A estratégia de Mac Namara, para um prazo ultrapassando a fase em curso, consiste, pois, em procurar o maior número possível de "opções", para complicar a escolha que o adversário tem a fazer. A grande maleabilidade da indústria americana, que pode adaptar-se rapidamente não importa a que mudança de fabricação, dá uma vantagem concreta ao campo ocidental, compensada parcialmente pelo segredo do campo oriental.

Nesta fase, a estratégia consiste, pois, principalmente, em estudar os parâmetros e em reservar as opções.

Mac Namara emprega, para este trabalho, métodos de análise matemática. A investigação operacional, tal como ele a utiliza, serve-lhe, além

disso, mais para sondar e penetrar os problemas complexos da estratégia futura, do que para estabelecer planos que, no seu parecer, seriam prematuros.

A estratégia a longo prazo é um prolongamento e uma generalização desta estratégia de fases. Ela faz intervir novos fatores, dos quais o principal é o da economia.

V — ESTRATÉGIA A LONGO PRAZO

Duas espécies de razões tornam necessária a definição de estratégia a longo prazo: por um lado, a importância atribuída aos fatores econômicos e políticos tem por efeito ampliar o campo de visão do pensamento militar; trata-se, com efeito, de prever soluções fundadas sobre uma análise de todos os dados do problema, entre os quais o fator tempo tem um importante lugar. Por outro lado, como o objetivo a atingir não consiste simplesmente em replicar as iniciativas militares do adversário, é preciso sobrepor-lhe uma competição, renovada sem cessar, mesmo na ausência de um conflito; este deslocamento de oposição entre os dois campos, o caráter global do seu afrontamento, têm por efeito substituir a investigação de vantagens imediatas, a vontade de abalar o adversário, em consequência de um longo período de pressões calculadas.

A elaboração de uma estratégia a longo prazo tem levado os serviços americanos a estudar os dados e as condições da superioridade dos Estados Unidos sobre a União Soviética, numa perspectiva tão vasta e tão longínqua quanto possível.

É, com efeito, a evolução da relação das forças e dos recursos afetados à defesa, num e noutro campo, que determina o caminho das iniciativas possíveis. A comparação do potencial dos dois países é, por agora, favorável aos Estados Unidos, na proporção de dois para um; longe de encarar o futuro com pessimismo, Washington calcula que essa proporção deverá ainda aumentar, pondo em prova um jogo que imponha ao regime soviético taxas muito pesadas e faça assim refrear o desenvolvimento econômico da URSS.

Com este fim, os peritos americanos esforçam-se por determinar o maior número possível de opções, tanto nos programas de armamento como nas concepções da defesa. Espera-se, assim, esgotar e desorganizar o adversário, obrigando-o a fazer face a ameaças variadas e móveis; este será, finalmente, enfraquecido pela dispersão e orientações contraditórias dos seus esforços.

Pela sua própria natureza, o domínio de aplicação privilegiada da estratégia a longo prazo é, pois, o da economia. A pressão militar vale pelas funções que ela exerce sobre os recursos e pelos fluxos que determina; a longo espaço, o ponto de impacto da estratégia nuclear situa-se menos nas forças militares da União Soviética do que no potencial que serve para as manter.

Um dos princípios essenciais desta estratégia a longo prazo consiste, na hora atual, em ter, para os fatores positivos, as réplicas que a União Soviética se esforça por deduzir das ameaças criadas pelos programas de armamento das forças americanas. Trata-se de um paradoxo que já está presente no domínio puramente militar; o próprio Secretário da Defesa declarou que a construção de bases subterrâneas de foguetões na URSS e a elaboração, por este país, de uma estratégia de contraforça, constituiriam uma contribuição para a estabilidade nuclear. O problema põe-se, certamente, de maneira muito diferente no domínio da estratégia a longo prazo; o método apresenta, todavia, numerosas analogias com o caso precedente.

Fazendo pesar sobre a União Soviética ameaças numerosas e variadas, os Estados Unidos procuram levar o seu adversário a fazer despesas, a orientar para fins não produtivos os seus recursos industriais e a efetuar, em proveito dos programas de defesa, antecipações importantes sobre o pessoal científico e técnico de que dispõe. Por outro lado, logo que as circunstâncias assim se prestem, o governo americano, que se esforça por reservar, como já vimos, o maior número possível de opções, pode tornar mais eficazes as pressões exercidas sobre o potencial soviético, por mudanças bruscas no desenvolvimento das fabricações previstas de armamento, por programas desdobrados em vários anos e que, pela sua própria amplitude, se prestam a ajustamentos.

Esta teoria suscita, todavia, mesmo nos Estados Unidos, numerosas críticas. Por um lado, nota-se que os soviéticos, por mais apressados que sejam pelas circunstâncias, estabelecem programas que, no fim de contas, reforçam consideravelmente o potencial militar da URSS; mesmo que não seja senão de uma sequência de reações, a política militar russa não será assim necessariamente tão má como parece. Por outro lado, o segredo com que o governo de Moscou toma as suas decisões, permite-lhe realizar economia de meios. A mobilidade superior dos fatores de produção dos Estados Unidos arrisca-se a ser neutralizada ou compensada pelo fato dos soviéticos conhecerem perfeitamente, pelas múltiplas indicações que são constantemente patentes ao público, do lado americano, as forças e fraquezas destes últimos.

Mas estas críticas não fazem senão reforçar, nas suas convicções, os partidários da estratégia a longo prazo, de Mac Namara. Eles contestam que, a despeito da regulamentação respeitante aos dados chamados "classificados" os soviéticos disporão sempre, sobre uma sociedade aberta como é a dos Estados Unidos, de informações precisas e bastante completas; isto é, na verdade, um estado de fato. Nestas condições, não é preciso deixar a União Soviética tomar, sem razão, a iniciativa, servindo-se do único trunfo do segredo no qual ela trabalha. Convém, pelo contrário, que os Estados Unidos tirem partido da superioridade das suas armas, quer dizer da sua superioridade em matéria de potencial industrial, para impor a sua vontade a adversários menos possantes e menos móveis. A estratégia a longo prazo, que visa a antecipar sobre os recursos soviéticos uma parte crescente para as neces-

sidades de defesa e que, por conseqüência, enfraquece a empresa da doutrina comunista, retardando o progresso econômico da URSS, corresponde a este fim.

Além disso, tudo se passa aos olhos dos americanos, como se a União Soviética esteja já ultrapassada pelo ritmo da competição que a si própria lançou. Eles atribuem tal benefício às tensões que mantêm no regime comunista as ameaças, renovadas sem cessar, da política de defesa e de dissuasão dos Estados Unidos. Estes esperam que a União Soviética, impelida pela necessidade, acabará por discutir, com verdadeira vontade, as suas propostas sobre desarmamento ou, pelo menos, sobre o controle dos armamentos. A estratégia a longo prazo, conduzida pelos militares americanos indicará, pois, em certos aspectos, aos políticos deste país, o cuidado de impor ao adversário comunista o que Dean Acheson qualificou "de negociação, a partir de uma posição de força".

CONCLUSÃO

A estratégia dos Estados Unidos, no momento atual marca, principalmente com a aparição da doutrina da contraforça, um regresso a certos princípios de estratégia clássica.

Em primeiro lugar, os "objetivos militares" retomam — tanto pela evolução dos sistemas de armamento como pelos planos que regem o emprego dos tipos de armas — o seu valor tradicional de alvo prioritário. A mudança é, neste aspecto, considerável em relação à fase militar precedente, no decorrer da qual as forças estratégicas de dissuasão e de defesa eram chamadas a intervir de forma global, sem distinção entre as populações e os objetivos militares.

Em segundo lugar, a nova estratégia tende a dar uma maior importância ao princípio igualmente clássico, da "economia das forças". Somente, com efeito, as forças indispensáveis devem ser postas em ação, seja sobre os teatros de operações, seja ao nível estratégico, para fazer face a uma ameaça de escalamento e para controlar. Os meios assim tornados disponíveis poderão ser empenhados tanto mais facilmente quanto seja "maior" a sua "mobilidade", é por isto que os americanos se fixam na idéia de melhorar a logística das suas forças convencionais.

No que diz respeito às forças nucleares estratégicas e táticas, a concentração dos fogos e a flexibilidade da manobra devem facilitar a utilização das forças, no maior número de circunstâncias. Na estratégia nuclear, da mesma forma que na estratégia clássica, a aplicação do princípio da economia das forças deve, pois, permitir, conservar o máximo de meios não empenhados no conflito e empregá-los, quando a situação o exigir, no destino e no momento em que a sua eficácia seja maior.

A estratégia nuclear reúne igualmente os princípios tradicionais no domínio vizinho da "liberdade de manobra". Os americanos procuram

reservar o maior número de opções possível, tanto para a posse de forças mais numerosas e mais diversas que as do adversários, como para a utilização de um mínimo de meios indispensáveis para alimentar a batalha.

Enfim, a estratégia nuclear atual dá uma importância fundamental ao princípio da "centralização" do comando e do controle das operações. E teremos assim, por um lado, por razões negativas de natureza política, a dispersão da autoridade, apresentando riscos e hipóteses que diminuem a eficácia da manobra tática e estratégica; por outro lado, por razões técnicas, teremos a centralização dos fogos nucleares que se torna indispensável, sob pena de perda do controle das operações e do risco de reações em cadeia.

Se ela se aproxima de numerosos aspectos da estratégia clássica das forças convencionais, a nova estratégia nuclear americana comporta germes de sensível perturbação dos princípios e das estruturas militares criadas no decurso da fase militar precedente.

Em primeiro lugar, a aplicação rígida do princípio da centralização tem consequências sobre a organização dos comandos e sobre a repartição das armas; convém evitar uma diluição das responsabilidades e uma dispersão das armas atômicas táticas, facilmente utilizáveis pelas pequenas unidades; também certos destes tipos de armas têm sido retirados, em parte, dos teatros de operações.

A entrada em ação da nova estratégia, implica mudanças a um nível mais elevado. Ela exige senão a eliminação, pelo menos a redução do número de MRBM, qualquer que seja, ao nível das operações militares, o interesse de dispor dos fogos nucleares necessários para contrabater — como é o caso no centro da Europa — os do adversário soviético.

Em compensação, aumentando ainda a potência e a maleabilidade dos seus meios nucleares, estratégicos e táticos, os americanos reservam-se, numa decisão que só a eles pertence, para todas as possibilidades de intervenção atômica, no momento mais favorável para os interesses nacionais dos Estados Unidos.

A doutrina estratégica americana tem, pois, por fim afastar uma réplica parcial ou mal coordenada do Ocidente, contra uma ameaça exercida pelos soviéticos. Os Estados Unidos calculam que uma reação desencadeada por um dos membros da OTAN, em tais condições, podia ser fatal aos interesses de todos os outros.

Esta estratégia, inspirada por uma inquietação de aperfeiçoamento científico, é o produto de uma escola de pensamento ou corresponde aos dados da técnica e do emprego das armas nucleares? Os críticos e os partidários de Mac Namara estão divididos neste ponto. Sem entrar na

discussão dos argumentos apresentados duma parte e de outra, parece possível constatar que o pensamento estratégico atingiu — começando pela primeira vez a exprimir-se numa concepção lógica do conjunto dos fatores do conflito nuclear — um princípio de cristalização. Depois da perturbação causada no imediato pós-guerra, pela aparição brutal das armas de destruição maciça, os americanos têm mantido o sentimento de que é possível dominar os dados de emprêgo da arma nuclear. As leis da guerra atômica começam assim a ser definidas no próprio momento em que se decide a medir com exatidão os efeitos, mesmo que se trate dos mais devastadores.

No caso de confronto real entre os Estados Unidos e a URSS, os peritos americanos começam, pois, a discernir como, pelo jôgo normal do ataque e da defesa, as estratégias dos dois adversários dariam lugar a uma série de trocas nucleares independentes.

Em contrapartida, no domínio da dissuasão, a oposição das estratégias, americana e soviética, que aparentam desacôrdo, seria melhor definida. Cada um dos dois adversários, com efeito, desejoso de dar a sua plena eficácia ao jôgo sùtil da dissuasão, escolherá a estratégia que corresponde melhor aos meios reais ou supostos com mais ou menos credulidade, que cada um terá na sua posse. O livro recentemente publicado, sob a direção do general Sokolovoscki, sob o título "Estratégia militar", reflete, segundo se pensa, esta disparidade entre as doutrinas de dissuasão dos Estados Unidos e da União Soviética. Esta obra redigida para responder a fins bem precisos, traduz, incontestavelmente, certas realidades psicológicas. Portanto, em caso de conflito, não se alcança como as estratégias realmente aplicadas poderiam, no campo de batalha, não se reatar. O conflito atômico real eliminaria, portanto, rapidamente as imagens falsas ou verdadeiras da dissuasão.

Na realidade de um conflito nuclear, todavia, as ações de defesa e de dissuasão suceder-se-iam amplas ou limitadas, violentas ou espasmódicas, entrecortadas de pausas. A determinação de cada um dos adversários desempenharia um papel essencial. O conflito poderia, com efeito, mudar de aspecto, se um dêles, movido pelo receio, desse, num certo momento, a falsa impressão de que estaria prestes a renunciar definitivamente, para evitar um acréscimo do risco ou das suas perdas. O outro seria então tentado a efetuar um nôvo ataque a fim de o destruir.

A conduta, para os Estados Unidos, das operações de um conflito nuclear, depende, assim, diretamente do Presidente, que tem a responsabilidade do emprêgo da arma nuclear e que dirige o jôgo da dissuasão e da defesa. A estratégia atômica é, com efeito, um instrumento que nunca está inteiramente nas mãos daqueles que a conceberam, com vista a utilizá-la de certa maneira. São, em última análise, o espírito de decisão, o caráter, as preocupações de política geral do Presidente dos Estados Unidos que farão o sucesso ou o revés desta estratégia elaborada da maneira mais científica.